

# ECONOMIA

## Muito longe do pódio

Ranking de qualificação de jovens para mercado global põe Brasil em 35º lugar, entre 60 países

Bruno Villas Bôas  
bruno.villasboas@oglobo.com.br

Num mercado de trabalho cada vez mais globalizado, os jovens brasileiros estão perdendo a corrida na disputa por uma vaga para estudantes de outros países por causa da qualidade precária do ensino fundamental e médio do país. Inclusive nos colégios particulares. Um estudo da consultoria Heidrick & Struggles — uma das maiores do mundo em contratação de executivos — mostra que essa fase dos estudos pode ser um problema para formação de talentos brasileiros para o mercado internacional. O Global Index Talent 2011 (Índice Global de Talentos em Inglês), elaborado pelo consultoria Heidrick & Struggles — uma das maiores do mundo em contratação de executivos — mostra que essa fase dos estudos pode ser um problema para formação de talentos brasileiros para o mercado internacional. O Índice Global de Talentos em Inglês, elaborado pelo consultoria Heidrick & Struggles — uma das maiores do mundo em contratação de executivos — mostra que essa fase dos estudos pode ser um problema para formação de talentos brasileiros para o mercado internacional.

Sócio das operações brasileiras da Heidrick & Struggles, Dárcio Crespi, um dos principais caçadores de executivos do país, explica que a qualidade do ensino básico deixa profissionais para trás na competição global.

— Um ensino fundamental fraco se transforma em um ensino médio pobre e um ensino superior sofrível. É como uma bola de neve. Se não existe uma formação boa na base, a pessoa precisa fazer um esforço muito grande para suprir aquelas deficiências nos anos seguintes. E o ensino brasileiro, na média, não ajuda os talentos a se destacarem — afirma Crespi.

O economista Gustavo Ioschpe alerta que a deficiência de ensino não é uma exclusividade das escolas públicas. Para ele, os pais precisam abrir os olhos para a formação de seus filhos em colégios particulares. Ioschpe explica que, na última prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), alunos das escolas particulares do Rio tiraram nota média de 55,5 pontos numa escala até cem. Isso significa que aprenderam metade das habilidades que poderiam.

— A elite brasileira compara esse resultado com a nota das escolas públicas, que no Rio foi de 39 pontos, e fica satisfeita com essa diferença. Esses pais se enganam, assim, ao pensar que matricular seus filhos em colégios particulares garante a eles uma boa qualificação para o mercado global. Impera uma visão provinciana de só olhar para dentro do Brasil — afirma.

### Faltam professor, dever... e silêncio

• Dados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), elaborado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) com alunos de 15 anos, comprovam isso. A nota em leitura dos estudantes dos melhores colégios particulares do Brasil — representados pelos 10% mais ricos — é inferior à de estudantes de renda média na Coreia do Sul, Hong Kong e Xangai (China).

Segundo a professora Maria Helena Guimarães de Castro, especialista em educação e professora aposentada da Unicap, vários fatores explicam a baixa qualidade do ensino particular: formação ruim de professores, poucas horas de estudo, baixa cobrança de pais sobre os colégios, acomodação dos pedagogos das escolas e métodos pouco estimulantes de ensino.

— Os números do Pisa mostram que os colégios brasileiros são um dos mais indisciplinados e barulhentos do mundo. Não cobram dever de casa e têm um déficit muito grande em tecnologia. O tempo de estudo fica em cinco horas, no mundo a média é 6 horas — explica Maria Helena.

O advogado Maurício dos Santos, sócio de um escritório no Rio, percebeu essa diferença quando fez uma pós-graduação em Abu Dhabi e teve colegas de classe sul-coreanos.

— Os colégios asiáticos são exigentes e cobram muito seus alunos. Eles são diligentes, estudam a fundo. E

### O retrato do ensino no mundo

Qualidade do ensino obrigatório\* na formação de futuros executivos globais



\*No Brasil, o ensino obrigatório tem nove anos de duração, englobando o ensino fundamental. Em outros países, costuma variar dos seis aos 16 anos de idade do estudante.

#### Que conta é essa?

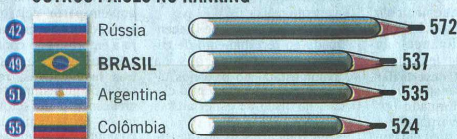
A consultoria Heidrick & Struggles, uma das líderes globais em colocação de executivos no mercado de trabalho, considera no cálculo dados como duração da educação computória, gastos por aluno, tempo esperado de educação e relação aluno/professor, entre outros indicadores.

Desempenho de leitura dos alunos das melhores escolas (10% mais ricos)

#### OS DEZ MELHORES RESULTADOS POR LUGAR



#### OUTROS PAÍSES NO RANKING



Os alunos das melhores escolas brasileiras têm desempenho inferior em leitura ao aluno de nível socioeconômico médio de uma cidade como Xangai (562 pontos), na China, e de um país como a Coreia do Sul (545 pontos)

Fonte: Heidrick & Struggles Global Talent Index 2011 e OCDE PISA 2009

existe também uma cobrança muito grande dos alunos e pais sobre a qualidade do que é ensinado. Não vejo isso aqui no Brasil — avalia Santos.

Ele recentemente colocou as duas filhas para estudar em um colégio na Alemanha no período em que foi visitar a família de sua mulher, que é alemã. Ele se disse chocado com a diferença no nível de ensino:

— Fiquei impressionado com o que um colégio alemão espera que uma criança de oito anos seja capaz de saber e responder. E elas falam alemão fluentemente. Ou seja, as escolas particulares de primeira classe no Rio não ficam acima de uma escola média na Alemanha.

O economista Gustavo Ioschpe ficou impressionado com essa diferença quando estudou na Universidade de Yale, nos Estados Unidos.

“**Matricular filhos em colégios particulares não garante boa qualificação para o mercado global**”

Gustavo Ioschpe, economista

— Eu li no colégio Lima Barreto e Adolfo Caminha. Meus colegas indianos haviam lido Shakespeare e Dante na escola — lembra.

Na pesquisa da consultoria Heidrick & Struggles, o Brasil está melhor que China (39º) e Índia (50º) no ranking de qualidade do ensino obrigatório. Na verdade, China e Índia formam mais executivos de talento global que o Brasil. Mas como suas populações são muito grandes, esse desempenho acaba diluído.

### Vestibular não deve ser o objetivo maior

• O estudante Joao Pedro de Souza saiu do Brasil quando tinha 5 anos. Mas contatos com parentes no Brasil abriram seus olhos para as diferenças do ensino brasileiro para as escolas americanas em que estudou na África do Sul, Moçambique, Gana e Nigéria. Seus pais trabalharam em uma ONG.

— No Brasil as pessoas estudam muitas matérias ao mesmo tempo, com igual intensidade, e acabam aprendendo pouco sobre diferentes coisas, ou nada. No modelo em que estudei, escolhi estudar o básico de química e biologia, por exemplo, e um nível avançado em matemática. Tive aula sobre economia no ensino médio — explica João Pedro, que começa em

breve a cursar economia em uma faculdade de Roterdã, na Holanda.

Sócio de uma gestora de recursos, Mario Cavaliere, de 24 anos, cursou um ano do ensino médio nos EUA. Ele afirma que o modelo educacional americano tem vantagens sobre o brasileiro por facilitar o estudo nas áreas em que o jovem tem aptidão. Mas não acredita que isso seja determinante para o mundo profissional.

— Nos EUA os alunos são incentivados a montar projetos, fazer trabalhos extracurriculares. Menos decoreba e mais produção. Não há perda de tempo — diz Cavaliere.

Segundo Naercio Menezes, professor de economia do Insper, os colégios particulares não são muito melhores mesmo em comparação às escolas públicas do país. As notas de colégios particulares são 50% maiores

“**Os colégios brasileiros são dos mais indisciplinados e barulhentos do mundo**”

Maria Helena Castro, educadora



“**Nos EUA, alunos montam projetos, trabalhos extracurriculares. Há menos decoreba, perda de tempo**”

Mario Cavaliere, gestor



“**Nos colégios na África do Sul, tive aula de economia ainda no ensino médio**”

João Pedro, universitário



“**Na universidade, percebi que alunos da Ásia eram mais avançados em áreas como matemática**”

Ricardo Cunha, administrador

que as dos colégios públicos quando se olha dados do Prova Brasil, do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Mas cálculos dele revelam que essa diferença tem mais relação com a origem socioeconômica que com qualidade de ensino.

— Quando se agrupa esses alunos por critérios socioeconômicos, essa diferença de nota entre colégios cai para 16%. Se o ensino público é ruim, portanto, os pais não tem que porque ficar muito felizes com o simples fato de seus filhos estarem matriculados em escolas particulares — avalia.

O administrador Ricardo Cunha cursou o ensino médio nos EUA, o que lhe possibilitou cursar administração na California State University, de Fullerton. Ele não acredita, porém, que as escolas particulares brasileiras sejam piores.

— Na universidade, percebi que estudantes da Ásia estavam mais avançados em áreas como matemática — afirma Cunha. — Mas isso não quer dizer que o Brasil está abaixo da média. Nos EUA, achei o nível de ensino em matemática abaixo do nosso.

O sociólogo Simon Schwartzman, do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, ex-presidente do IBGE, diz que nossa tradição escolar não é boa:

— Existem exceções entre os colégios, como o São Bento, mas a média das instituições está mais preocupada em preparar os alunos para a prova do vestibular. ■